ISSN 2237-258X

FORMAÇÃO E MOBILIDADE DOS PROFESSORES: O CASO DE RIO CLARO - SP NO PERÍODO DE 1890 - 1920

Training and mobility of teachers: the case of Rio Claro - SP in the period of 1890-1920

Formación y movilidad de profesores: el caso de Rio Claro - SP en el período de 1890 - 1920

Daniela Cristina Lopes de Abreu*

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a formação dos professores e seus espaços de escolarização, em uma cidade do interior paulista. O propósito é mostrar como se deu a mobilidade de alguns docentes, na cidade do Rio Claro, trazendo aspectos da história local e propondo, a partir da visão micro, entender outros contextos. Cabe destacar que esses docentes, ora estavam trabalhando em instituições educacionais públicas – escolas isoladas e grupos escolares, ora nas particulares – colégios, institutos, salas noturnas, escolas subvencionadas, entre outras, a formação docente possuía um impacto sobre essa questão. A pesquisa tem como recorte temporal o período de 1890 a 1920. Foi possível verificar, por meio de fontes de pesquisa de diversas naturezas, a criação de uma multiplicidade de instituições que ofereciam a escolarização primária na cidade de Rio Claro. Os docentes tinham uma mobilidade frequente, em vários espaços escolares, devido a inúmeros problemas relacionados às condições de trabalho, que ainda fazem parte das discussões nos dias de hoje, tais como: baixos salários, falta de material didático, falta de mobiliário, falta de espaço físico adequado as aulas etc.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Mobilidade. Docente.

Abstract

The aim of this paper is to present the training of teachers and their schooling spaces in a city from the interior of São Paulo. The purpose is to show how the mobility of some teachers in the city of Rio Claro was took place, bringing aspects of the local history and proposing from the micro view to understand other contexts. It should be noted that these teachers were sometimes working in public educational institutions - isolated schools and school groups, sometimes in private schools - colleges, institutes, night rooms, subsidized schools, among others, teacher training had an impact on this issue. The research has a time frame from 1890 to 1920. It was possible to verify through research sources of different types the creation of a multiplicity of institutions that offered primary schooling in Rio Claro city. Teachers had frequent mobility in various school spaces due to numerous problems related to working conditions that are still part of the discussions today such as: low wages, lack of didactic material, lack of furniture, lack of adequate physical space classes etc.

KEYWORDS: Training. Mobility. Teacher.

Resumen

* Doutora pela FE/USP – São Paulo. Professora do Centro Universitário Central Paulista – Unidade de Rio Claro. Endereço: Av. 50 A – 256 – Jardim América – Rio Claro – SP, 13.506-050. E-mail: daniela.abreu.pedagogia@gmail.com.

El objetivo de este trabajo es presentar la formación de docentes y sus espacios escolares en una ciudad del interior de São Paulo. El propósito es mostrar cómo se llevó a cabo la movilidad de algunos docentes en la ciudad de Rio Claro, trayendo aspectos de la historia local y proponiendo desde la micro vista para comprender otros contextos. Cabe señalar que estos maestros a veces trabajaban en instituciones educativas públicas (escuelas y grupos escolares aislados, a veces en escuelas privadas), colegios, institutos, salas nocturnas, escuelas subsidiadas, entre otros, la capacitación de maestros, tuvo un impacto en este tema. La investigación tiene el período de 1890 a 1920 como marco de tiempo. Fue posible verificar a través de fuentes de investigación de diferentes naturalezas la creación de una multiplicidad de instituciones que ofrecían educación primaria en la ciudad de Rio Claro. Los maestros tenían movilidad frecuente en varios espacios escolares debido a numerosos problemas relacionados con las condiciones de trabajo que todavía son parte de las discusiones hoy en día, tales como: bajos salarios, falta de material didáctico, falta de muebles, falta de espacio físico adecuado para las clases etc.

PALABRAS CLAVE: Formación. Movilidad. Docente.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em apresentar a formação dos professores e seus espaços de escolarização, em uma cidade do interior paulista. O propósito é mostrar como se deu a mobilidade de alguns docentes na cidade do Rio Claro, que ora estavam trabalhando em instituições educacionais públicas – escolas isoladas e grupos escolares, ora nas particulares – colégios, institutos, salas noturnas, escolas subvencionadas, entre outras, e como a formação tinha um impacto sobre essa questão, no período de 1890 a 1920. Em muitos casos foi possível verificar que esses profissionais trabalhavam simultaneamente nesses dois tipos de instituições.

Quanto ao espaço escolar, autores como Faria Filho (1998, 2000) e Vidal (2000), têm abordado essa questão, ora como objeto para a história da educação, ora como um elemento do processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Não se pode negar que a construção do espaço escolar criou uma nova forma de ver e pensar a escola, proporcionando inúmeros outros temas de pesquisa. Os edifícios escolares seguiam um tipo padronizado, um modelo organizado.

O recorte temporal escolhido para a pesquisa tem como marco inicial a instauração da República, 1889, e como referência final a Reforma de Sampaio Dória, 1920. Foi possível verificar, por meio de fontes de pesquisa de diversas naturezas tais como: Relatórios de Presidente de Província, Legislação Educacional, Anuários do Ensino de São Paulo, Jornais da cidade de Rio Claro, Correspondências entre a Câmara Municipal e a Assembleia Legislativa, Livros de Matrícula escolares, Atas de exames escolares, boletins escolares, entre outros, a criação de uma multiplicidade de instituições que ofereciam a escolarização primária na cidade de Rio Claro.

Os docentes tinham uma mobilidade frequente em vários espaços escolares, devido a inúmeros problemas relacionados às condições de trabalho que ainda fazem parte das discussões, nos dias de hoje, tais como: baixo salário, falta de material didático, falta de mobiliário, falta de espaço físico adequado as aulas etc. Pensar essa mobilidade e a trajetória desses profissionais permite entender a história da escolarização local e como esses profissionais atuavam em diversos setores da sociedade. Outro ponto de destaque na pesquisa foi a formação na escola normal e nas escolas complementares e como essas formações influenciam as práticas e os locais em que os docentes atuaram.

O trabalho permitiu também discutir a atuação de homens e mulheres dentro da carreira docente, como estes circularam no setor público e particular e, ainda, que posição ocupavam. Além disso, ao analisar a trajetória desses docentes foi possível organizar e perceber as tensões sofridas pelos docentes no exercício de sua profissão.

A cidade de Rio Claro e a instrução

O que inicialmente era apenas parada dos tropeiros, que seguiam para Mato Grosso à procura de ouro, começou a se tornar um vilarejo, em 1718. Segundo Penteado (1964), a parada em Ribeirão Claro não passava de um abrigo, coberto de folhas à beira de um riacho, que cortava a várzea. Como as tropas de mulas necessitavam de suprimentos, logo se instalaram nesse ponto alguns negociantes. Começava, assim, um pequeno comércio para atender os viajantes.

Para Santos (2000), a organização urbana de Rio Claro sofre mudanças importantes quando a cidade deixa de ser "cidade fronteira" para ser "ponta de trilho". Esse processo altera significativamente a própria composição da cidade. O que levava semanas para chegar a Santos, chega, agora, em menos de um dia. E a capital, São Paulo, fica muito mais próxima do interior. Dois movimentos, então, se destacam: o avanço para escoar o café, com a diminuição de gastos com transporte; e a proximidade da capital faz com que muitos fazendeiros negociantes deixem suas casas no interior, mudando-se para São Paulo. O interior fica na mão dos administradores de fazenda e, conforme Dean (1977), da classe média. Esse movimento, ao mesmo tempo que esvazia a cidade de senhores, proporciona o incremento de serviços e de bens disponíveis na cidade.

O problema da mão de obra será resolvido com a imigração. O Estado de São Paulo subsidiou a imigração, e um grande número de europeus foram para Rio Claro, para o trabalho nas fazendas, mas também para os centros urbanos.

Em Rio Claro, a participação dos imigrantes, na década de 70 do século XIX, também contribuiu significativamente para a composição da urbanização.

O recenseamento de 1872 indica a existência de dois colégios. Esse dado permite considerar que, com o crescimento urbano, a escolarização primária também passa a ser priorizada. Segundo Molina (1981), a instrução pública passa a ser representada por duas cadeiras masculinas e duas femininas — públicas —, além de seis escolas particulares, três femininas e três masculinas. É possível que entre essas escolas particulares esteja um dos colégios mencionados no recenseamento de 1872, uma vez que seu período de existência percorre todo o tempo da pesquisa.

Os Relatórios de Presidente de Província do Estado de São Paulo, que antecedem a Lei da obrigatoriedade traçam um panorama da situação educacional. Em 1872, o Relatório sobre a Instrução Pública, apresentado pelo Presidente da Província, Diogo de Mendonça Pinto, afirma que existiam, no Estado de São Paulo, 478 escolas (masculinas e femininas), nas quais encontravam-se matriculados 7.823 alunos e 4.038 alunas. O percentual de frequência dos alunos era de 73% à 70%.

Com a República, o Estado de São Paulo investiu na Reforma da Escola Normal, tomando-a por prioritária na resolução dos problemas das escolas primárias. Inicialmente, foi prevista a criação de quatro escolas normais, porém somente a da Capital funcionou, nas primeiras décadas republicanas. Para minimizar esse problema, foram criadas as escolas complementares, com custo menor, que, por outro lado, proporcionavam apenas um ensino pouco mais aprofundado do que o do curso primário. Essa prática resultou em dualidade na formação do magistério.

A formação complementar influenciava nas adaptações curriculares feitas por esses professores no programa de ensino das escolas primárias. Como também eles não haviam recebido uma formação completa, previa-se que pudessem retirar parte do programa. Tal fato prejudicava, principalmente, o ensino nas escolas isoladas.

No caso de Rio Claro, uma cidade do interior de São Paulo, como no caso de muitos outros municípios, os Grupos Escolares não foram construídos em larga escala. Além de moeda política, os altos custos dessas edificações inviabilizavam a construção de unidades em quantidade suficiente. Se Rio Claro conseguiu seu primeiro Grupo Escolar em 1900, o segundo só foi organizado em 1911 (em prédio adaptado). Enquanto isso, as escolas isoladas se multiplicavam.

Os professores iniciantes eram encaminhados para as escolas isoladas e, embora diplomados, não possuíam experiência com crianças de várias idades e diferentes níveis de desenvolvimento, ocasionando o fracasso escolar. Eram comuns relatos de professores desistirem das escolas isoladas, por não conseguirem prédios adequados, materiais e condições mínimas de higiene, além de não terem incentivos financeiros.

Em 1892, a professora da 1ª Cadeira de Rio Claro, Francisca de Alcântara, envia uma solicitação à Câmara, com os seguintes argumentos:

> Cidadão Sr. Presidente da Intendência Municipal desta Cidade
> Achando essa escola mal provida de mobília escolar, e esta pouca existente, consta apenas de 6 bancas, pertencentes a 4ª Cadeira do sexo masculino; e já havendo segundo consta-me arrecadado dinheiro para o fundo escolar, animo-me a pedir-vos que mandeis mobiliar esta escola, ou então ceder-me o restante da mobília da 4ª Cadeira masculina, visto achar-se vaga a respectiva cadeira.
> Faço-vos este pedido a fim de que os interesses da Instrução não pereçam desses materiais essenciais numa escola.
> Saúde e fraternidade.
> Rio Claro, 01 de novembro de 1892.
> Francisca de Alcântara – Professora da 1ª Cadeira[1].

A solicitação da professora mostra as dificuldades dos docentes das escolas isoladas, além de evidenciar as que ficavam vagas. A situação descrita no relato da professora era tão frequente que, em janeiro de 1893, a professora Isabel Von Atzigen, escreveu à Câmara:

> Escola Pública do sexo feminino do bairro Santa Cruz desta cidade.
> Rio Claro, 24 de janeiro de 1893.
> Ilustres Cidadãos
> Tendo entrado em exercício no dia 19 e aberto a escola, para cuja regência fui nomeada por decreto em 9 do corrente, na rua 8, número 71 do bairro Santa Cruz, desta cidade, e tendo já matriculado 12 alunos e deixando de matricular outras por falta de acomodação, venho lembrar a ilustre corporação da Câmara Municipal a urgente conveniência de se providenciar no sentido de serem satisfeitas as necessidades da escola em relação a móveis e utensílios e outros objetos que deveriam ser oferecidos pelo Conselho Municipal de Instrução Pública que não existe aqui no Rio Claro.
> Saúde e fraternidade.
> A professora Isabel Von Atzingen[2].

[1] Documento disponível no Arquivo Público de Rio Claro, Coleção JBC.
[2] Documento disponível no Arquivo Público de Rio Claro.

A professora afirma que a cidade de Rio Claro ainda não tinha consolidado seu Conselho Municipal de Instrução, o qual deveria dar suporte aos problemas enfrentados pelos professores. Os ofícios acima transcritos referem-se a escolas localizadas na área central da cidade. Todavia, é sabido que as escolas dos distritos e da zona rural também sofriam com a falta de material escolar.

A República, por meio de sua organização estatística, evidenciava os altos índices de analfabetismo, embora tivesse realizado grandes esforços, desde sua implementação, para erradicá-lo. Os inspetores não cessavam suas críticas à ausência de uniformização do ensino. Mesmo com programas de ensino definidos para todas as escolas preliminares, a viabilidade e aplicabilidade dos mesmos não se dava da mesma maneira. No próximo item, será apresentada a questão da formação e a mobilidade docente, no caso das escolas de Rio Claro e as questões do público (escola isolada e grupo escolar). A particular ficará ainda mais evidente.

Mobilidade e formação docente nos espaços públicos e particulares

A mobilidade dos professores nos espaços escolares foi observada com muita frequência, principalmente nas escolas isoladas. Os inspetores a relatavam praticamente em todos os anos. Para eles, era necessário a constituição, pelo Estado, de um plano de carreira docente, de modo a estimular os professores a permanecer mais tempo nas escolas.

Segundo Oscar Thompson, em relatório de suas viagens, apresentado no Anuário de 1908, o ponto fraco do sistema escolar estava na falta de professores e na constante mudança de escolas.

> Estes professores não permaneciam mais de seis meses nessas escolas, e isso perturbava extraordinariamente o ensino. Deliberou-se, então, depois de acurado estudo, que só seriam nomeados para essas escolas os candidatos que, por meio de contrato, garantissem sua permanência no lugar, ao mesmo por um ano (SÃO PAULO, 1908, p. 28).

Por que os professores permaneciam pouco tempo nas escolas isoladas? Essa deve ser uma importante indagação, pois ao que parece constitui sempre um problema, tanto para o professor quanto para o gestor. No caso do professor, não podemos esquecer que ele precisa trabalhar, muitas vezes, longe da sua cidade de origem, longe dos seus familiares, com salários diferenciados, menores em relação aos professores que trabalhavam nos grupos escolares. Além disso, a falta de materiais, infraestrutura pouco adequada para o funcionamento de uma escola e outras condições adversas não incentivavam a permanência de professores. Assim, o docente ficava sempre a espera de uma oportunidade para solicitar a sua transferência para um lugar mais próximo da sua família, do seu lugar de moradia, ou para uma instituição que oferecesse melhores condições de trabalho e de salário. Do ponto de vista do gestor, sabemos pelos relatórios, que a cada pedido de transferência, desencadeava um problema administrativo, burocrático e também no que se refere à busca de novos recursos humanos, ou seja, encontrar profissionais dispostos a iniciar ou prosseguir sua carreira docente nas condições oferecidas.

Os grupos escolares não sofriam com a troca constante de professores, pois contavam com um rol de professores substitutos. Ainda, eles representavam o local

almejado pela maioria dos professores iniciantes, em função da sua localização (área central), instalações, materiais didáticos e pedagógicos e condições higiênicas.

Cabe ressaltar que a formação desses professores deveria acontecer na escola normal. De 1890 a 1910, o Estado de São Paulo organizou cinco escolas normais, a maioria localizada na cidade de São Paulo. Rio Claro solicitou a implementação dessa modalidade escolar para o município, mas a sua instalação deu-se na cidade de Piracicaba. Além da Escola Normal, para a formação dos professores foi também instituída a escola complementar, cujo custo de implementação era significativamente menor. Na época, essas escolas, como as isoladas, foram severamente criticadas pelos profissionais do magistério, os quais não as consideravam capazes de garantir a qualificação profissional dos professores.

A formação oferecida pelas escolas complementares gerava uma série de outros problemas, quando o professor nela formado assumia uma classe, em especial, se fosse essa do tipo isolada. Sem experiência e conhecimentos adequados, diante das dificuldades impostas pelo modelo das escolas isoladas, o professor na primeira oportunidade, se removia para outros locais.

> O desvirtuamento do projeto de formação dos professores demostra claramente os limites do projeto republicano de modernização educacional. A dualidade de escolas de formação e o confronto com a Escola Normal e as escolas complementares põem de manifesto a adoção de uma política educacional paradoxal – a convivência de instituições de excelência com instituições precárias, a diversidade de escolas e o atendimento seletivo, quando o pressuposto básico era a difusão da educação popular. Ao impor um projeto modernizador, o Estado republicano manteve algumas poucas instituições modelares que simbolizavam o desejo fáustico de inovação e propagandeavam as realizações do novo regime, enquanto boa parte do sistema de ensino público padecia de enormes problemas (SOUZA, 1998, p. 69).

Considerando o número de escolas isoladas vagas, a formação de professores se tornou um elemento fundamental para solucionar parte dos problemas educacionais.

O jornal local da cidade de Rio Claro noticiava as escolas isoladas, sem professores. O poder local se sentia pressionado, mas, ao mesmo tempo, lembrava que o problema não era específico da cidade.

> Escola de Ferraz
> A secretaria da Agricultura oficiou ao secretário do interior solicitando os seus bons ofícios no sentido de ser provida a escola pública da secção Ferraz, do Núcleo Colonial "Jorge Tibiriçá", visto a professora nomeada não ter tomado posse do lugar (O Alpha, 07/12/1907, p.3).

As questões salariais também fizeram parte dos debates políticos e podem ser apontadas como uma das razões da mobilidade dos professores. Segundo os Relatórios dos Inspetores, em 1911, os vencimentos dos docentes das escolas isoladas urbanas e rurais estavam defasados (250$, urbanas; 200$, rurais). Em diversas regiões, como em Rio Claro, nas quais o café impulsionou o mercado, o preço do aluguel era especialmente alto. Assim, algumas Câmaras Municipais propuseram-se mesmo a custear parte desses encargos.

Em setembro de 1912, *O Alpha* de Rio Claro, publicou um artigo de um de seus colaboradores da cidade de Brotas, Coelho Cintra, sobre o tema da equiparação salarial

dos professores. O artigo defendia iguais rendimentos para professores complementares e normalistas[3].

Os baixos rendimentos levaram muitos professores a acumular funções, ministravam aulas nas escolas públicas, mas também ministravam aulas particulares e abriam cursos preparatórios, ora em suas casas, ora em outros locais.

Em Rio Claro, foi possível identificar alguns desses espaços nos quais circularam muitos docentes. O número de docentes localizados no período estudado totalizou 161 (cento e sessenta e um) indivíduos. Assim, optou-se por uma análise ilustrativa da trajetória desses docentes por tratar-se de um artigo, selecionando alguns professores, daqueles que circularam por espaços públicos e particulares. Grande parte desses professores mantinha mais de um local de trabalho concomitantemente:

Ernesto Napoleão Sette, professor de formação complementarista, trabalhou da escola Isolada do bairro Samambaia nos anos de 1905 e 1906. No período de 1908 à 1915, atuou como professor complementarista do 1º Grupo Escolar da cidade; de 1916 à 1919 trabalhou com vice-diretor do Ginásio de Rio Claro.

Armando Bayeux da Silva,professor complementarista, foi diretor do 1º Grupo Escolar da cidade de 1912 à 1918. A partir de 1914, concomitantemente, ministrava aulas particulares, relativas ao curso primário, secundário e preparatório. Foi professor do Instituto de Ciências e Letras (a partir de 1916) e, no mesmo ano, mudou o lugar de suas aulas particulares, antes, na rua 6, n° 69 e, então, na Av. 2, n° 48. Conforme anúncio do jornal ministrava aulas de Português, Geografia, Francês, Álgebra, Anatomia, Aritmética, História e Desenho. O valor cobrado em suas aulas particulares era de 20$000 por mês.

Architiclinio dos Santos, normalista secundário, foi professor do Instituto de Ciências e Letras. A partir de 1916, professor da Escola da Cia Paulista. Ministrava aulas particulares na Av. 3, n° 32, e trabalhou na 2ª Escola Noturna estadual para adultos da cidade. Atuou como professor de aulas particulares, em conjunto com o professor Armando Bayeux, ministrando os mais variados conteúdos com mensalidade de 20$000.

José Minervino, professor normalista, diplomado pela Escola Normal Primária e Secundária da Capital, ministrou aulas particulares no período de 1915 a 1920 (primária e preparatório). Foi professor do Ginásio Rio Claro, a partir de 1916 e assumiu em 1917 a docência na Escola Noturna estadual.

Faustino Colli, sua carreira em Rio Claro começou em 1901 com aulas de italiano, na Escola Italiana. Sempre trabalhou com aulas particulares de primeiras letras e, em 1906, foi nomeado professor da Escola Isolada Municipal de Corumbataí.

Cândida de Sá Negreiros, a partir de 1906, professora da escola isolada municipal localizada na área central da cidade. A escola foi reunida a outras duas escolas para a criação do Grupo Escolar Municipal "Barão de Piracicaba", em 1908.

[3] Na verdade, não tendo conseguido o Estado formar todos os professores pela Escola Normal, ele não deixava de ser também o responsável pelo nascimento da contenta sobre a equiparação salarial.

Não há registros quanto ao tipo de sua formação, se normalista ou complementarista. Em 1909, a professora passou a ministrar também aulas particulares. Eis o anúncio no *Alpha*, em 12 de junho de 1909: *"*Professora Particular: Cândida de Sá Negreiros, com 12 anos de prática, leciona primário e letras das 11 ás 3 horas da tarde. A 4, nº 6 Rio Claro. Cândida de Sá Negreiros".

Arthur Bilac, diplomado em Ciências Comerciais, atuou na cidade como professor particular, mantendo aulas preliminares e curso noturno de comércio, a partir de 1914. Foi diretor do Ginásio de Rio Claro, a partir de 1916. E, em 1918, abriu o Externato Bilac.

Líbero Braga, professor e agente fiscal de imposto. Em 1901 passa a ministrar aulas na Escola Noturna do Gabinete de Leitura e no Colégio Atheneo. Na cidade, atuou também como professor particular até 1905, ocasião em que se mudou da cidade. Em 1906, retorna a cidade e volta a trabalhar com aulas particulares.

Honório Hermeto Motta, diretor do jornal o Commércio e professor. Atuou na cidade, desde 1902, na escola Atheneo(ministrando as disciplinas de Português, Latim e Inglês)e, a partir de 1906, também como professor particular ministrando aulas em sua residência.

João Francisco da Cruz,professor e diretor do Instituto de Ciências a partir de 1904. Atuou paralelamente como docente particular, ministrando aulas dos cursos preliminar e preparatório. Abriu, ainda, um curso noturno no Instituto em que foi diretor. Anunciava periodicamente no jornal da cidade.

Arthur Fontes, proprietário de um Externato em 1902, no qual atuava também como professor. Em 1906, foi professor da Escola Noturna do Gabinete de Leitura e, a partir de 1914, do Centro Operário 1° de Maio.

Manoel Caio da Fonseca, segundo notícia do jornal em 1909, contava com mais de 12 anos de experiência no ensino na Capital. Foi professor e proprietário do Externato Fonseca, que proporcionava ensino primário e secundário, preparando alunos para a Escola Normal, Farmácia, Comércio e Ginásios. Além disso, oferecia aulas particulares preparando alunos primários intermédios e secundários.

Aurea Paixão, durante os anos de 1908 e 1909, atuou na escola isolada do Quilombo (feminina e mista), de formação complementarista. Ao ingressar, em 1910, no 2° Grupo Escolar de Rio Claro, sua formação já era de normalista. Permanece neste estabelecimento até 1915, quando se remove para o 1° Grupo Escolar, nele atuando até 1920.

Luiza Botti, professora complementarista, formada pela Escola Complementar da cidade de Itapetininga. Atou em diversas escolas isoladas até efetivar-se no Grupo Escolar. Nos anos de 1910 e de 1911, foi professora da Escola Isolada do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá – Corumbataí, em uma sala feminina. Em 1912, na Escola mista de Santa Gertrudes; de 1913 à 1917, na Escola da Cidade Nova. Em 1918, substituiu

professores no 1° e 2° Grupo Escolar e efetivou-se como adjunta, em 1919, no 1° Grupo Escolar da cidade.

Carolina Leite de Araújo professora complementarista, iniciou sua carreira docente em 1900 como substituta do 1° Grupo Escolar. Permaneceu na instituição até 1907, quando se removeu para a Escola Isolada em Santa Gertrudes. De 1909 à 1911, atuou na Escola Isolada do Bairro Cidade Nova. A partir de 1914, aparece com o nome de casada, retirando o Leite do seu sobrenome e incluindo o Moraes no final. Formou-se normalista e atuou de 1914 à 1915 no 1° Grupo Escolar. A partir de 1916, efetiva-se como adjunta no 2º Grupo. Em 1918, remove-se novamente para o 1° Grupo, no qual permaneceu até 1920.

Francisca Ribeiro dos Santos foi professora do Instituto de Ciências e Letras de Rio Claro, responsável pelo ensino primário a partir de 1906. Atuou como professora da escola isolada, no Bairro Lavapés, de 1915 a 1918. Em 1909, efetivou-se no 2° Grupo Escolar de Rio Claro, sua formação era de normalista secundária.

Margarida Hummel atuou em 1907, na escola isolada, do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, em Ferraz, sua formação era normalista. A partir de 1908, transferiu-separa o 1º Grupo escolar de Rio Claro.

Perpétua Cândida Salles, normalista. Em 1902, foi professora da 5ª escola pública. No mesmo ano, essa escola foi anexada ao 1° Grupo Escolar. Tornou-se substituta até o ano de 1909, deste grupo. De 1910 a 1920, trabalhou como professora efetiva no 2° Grupo Escolar da cidade.

Irene de Carmargo, atuou como professora normalista da escola isolada, do Bairro Santa Cruz, no ano de 1917. No ano seguinte, trabalhou como substituta em diversas escolas isoladas da cidade. Em 1919 conseguiu se efetivar no 1° Grupo Escolar de Rio Claro.

A tabela a seguir permite visualizar com maior clareza a mobilidade dos professores nos espaços escolares. Ela está dividida em duas cores para fazer a separação entre homens e mulheres:

Tabela 01: Mobilidade de professores em Rio Claro – 1889-1920

Nome Prof(a)	Escola Isolada	Escola Noturna	Grupo Escolar	Ginásio	Aulas Particulares	Instituto de Ciência*	Escola Cia Paulista	Gabinete de Leitura*	Escola Italiana	Atheneu	Externato	Centro Operário 1º. maio	Curso Noturno Comercial
Ernesto Napoleão Sette	X		X	X									
Armando Bayeux da Silva			X		X	X							
Architiclinio dos Santos		X			X	X	X						
José Minervino		X		X	X								

Faustino Colli	X				X				X				
Arthur Bilac				X	X						X		X
Líbero Braga					X			X		X			
Honório Hermeto Motta					X					X			
João Francisco da Cruz					X	X							
Arthur Fontes								X			X	X	
Manoel Caio da Fonseca					X						X		
Candida de Sá Negreiro	X		X		X								
Aurea Paixão	X		X										
Luiza Botti	X		X										
Carolina Leite de Araújo	X												
Francisca Ribeiro dos Santos	X		X			X							
Margarida Hummel	X		X										
Perpétua Cândida Salles	X		X										
Irene de Carmargo	X		X										

* Estas instituições tinham cursos noturnos
Fonte: Anuários de Ensino, Jornais da Cidade e documentos escolares.

Fica evidente, na tabela 01, que os professores homens tiveram maior mobilidade do que as professoras. São os que mais transitam nos espaços públicos e particulares, e, além disso, quase todos mantêm aulas particulares de disciplinas bastante variadas, tanto para os cursos secundários, de comércio etc. A formação desses professores também é bastante diferenciada, se comparada a das mulheres, são, na maioria das vezes, professores primários e secundários, formados em escola do comércio, atuando no ensino de língua estrangeira. Quando apresentado o quadro no capítulo anterior das inciativas particulares e analisando a tabela 20 verifica-se que atuam no Ginásio, Internato/Externato, Colégio Atheneu, Instituto de Ciências e no Comércio, com aulas diurnas e noturnas. Quanto às disciplinas trabalhadas são, desde as primeiras letras, até Geometria, Aritmética, Álgebra, Noções de História Natural, Geografia, Noções Pátria, Desenho, Contabilidade, entre outras, preparando os alunos para as escolas secundárias e superiores.

É importante salientar que a questão salarial se torna uma dimensão muito importante para compreendermos os diversos lugares e espaços ocupados por esses docentes. As aulas particulares ministradas por conta própria e as que ministravam nas instituições particulares, parecem oferecer um melhor rendimento financeiro do que os pagos pelo setor público. No caso dos homens, as informações coletadas mostram que todos deram aulas particulares, o que pode indicar a necessidade de buscar melhores recursos para se manter e, possivelmente, suas famílias.

Outro ponto bastante interessante encontra-se no fato de poucos homens circularam nas escolas isoladas e nos grupos escolares e quando estão no grupo ocupam a função de diretor. No estado de São Paulo, os cargos de diretores e inspetores nessa primeira fase da República ficaram sob a responsabilidade do sexo masculino. As

mulheres, no entanto, foram as que mais ocuparam os espaços na escola isolada e no grupo escolar. É o que constatamos com as informações coletadas nos anúncios dos jornais e nos anuários. É visível também a tentativa de sair das escolas isoladas para tentar chegar ao grupo escolar, o que certamente asseguraria não só o *status* social, mas também melhores condições de salário e de trabalho. Alguns casos de professoras identificadas demonstram que, para muitas, as remoções aconteciam várias vezes até conseguir trabalhar em grupos escolares. Outros, só se estabeleciam no grupo no final de sua carreira docente, o que pode significava a busca de uma melhor aposentadoria. Além disso, a formação dessas profissionais era quase sempre complementarista ou normalista, o que dificultava o trânsito em outros espaços, principalmente particular. Das professoras elencadas na tabela 01, somente uma professora (Candida de Sá Negreiros) oferecia aulas particulares em sua casa e, Francisca Ribeiro Santos que estava também no espaço particular, uma vez que tinha uma formação diferenciada das demais, ou seja, professora primária e secundária.

A utilização do trabalho feminino na educação já havia ganhado força, no final do século XIX. João Baralho Uchoa Cavalcanti, mencionado por Souza (1998), em uma de suas atas e pareceres do Congresso da Instrução do Rio de Janeiro em 1884 destaca:

> Sabe-se que a mulher tem mais facilidade, mais jeito de transmitir aos meninos os conhecimentos que lhes devem ser comunicados. Maneiras menos rudes e secas, mais afáveis e atraentes que os mestres, aos quais incontestavelmente vence a paciência, doçura e bondade. Nela predominam os instintos maternais e ninguém como ela possui o segredo de cativar a atenção de seus travessos e inquietos ouvintes, sabendo conseguir que as lições, em vez de tarefa aborrecida, tornem-se lhes como uma diversão, um brinco ... Acresce que a professora em geral é mais assídua que o professor, a quem outras ocupações e negócios necessariamente distraem, e não digo em desabono deles, porque vejo como são mal retribuídos (CAVALCANTI apud SOUZA, 1998, p. 63).

Mais uma vez, verifica-se a justificativa das mulheres ocuparem a função do magistério primário. Aos homens, a necessidade de receberem salários melhores era a grande responsável por acúmulo de funções normalmente justificável a eles. Dessa forma, sobressai o apelo à natureza da mulher o seu instinto maternal, ao cuidado que já tem com os filhos e pode também ter com os alunos.

Outro aspecto importante de ressaltar, refere ao fato de que os docentes que deveriam atuar nos grupos escolares, conforme os regulamentos, deveriam ser normalistas, mas por falta de professores com esta formação, dependendo do lugar, foram efetivadas professoras com formação complementar.

Observando as trajetórias dos professores, anteriormente citados neste artigo, é possível entrever algo das tensões que sofriam e das especificidades que enfrentavam em cada local de trabalho. Os professores das escolas isoladas eram os de maior mobilidade. Almejavam chegar, e, se estabilizar em um Grupo Escolar, o que era possível apenas após um longo período na carreira. Em 1914, um colaborador do jornal *O Alpha* escreveu um artigo relatando algo das angústias vividas pelo professor.

> O PROFESSOR PRIMÁRIO
> De todas as profissões, quiçá a mais penosa seja do magistério público primário. Muitas vezes, após longos lustros de um trabalho insano em prol de uma causa sublime da santa Instrução, (...) recebe a mais completa indigência e a mais cabal indiferentismo!

> A nobre profissão do médico tem seus espinhos, porém, é prodigamente recompensada.
> A advocacia, a engenharia e outras também têm os seus ossos; mas quase sempre são bem remunerados.
> Eis o que se dá perfeitamente:
> Um aluno faz um rápido progresso, não falta quem diga – também não era de esperar, quando foi a escola, já estava bem adiantado, e em casa, á noite, recebe boas lições, pois sua mãe é uma senhora bastante preparada.
> Se pelo contrário não apresenta resultado satisfatório – o professor não presta, só faz jus ao ordenado, é um afilhado do chefe político etc.
> Se o professor é enérgico e não deixa a anarquia penetrar no recinto escolar é logo taxado de malvado, e ouve-se: já vão longe os tempos de castigos etc., ...etc.
> Se por ventura faz vistas gordas não se incomodando com a falta de disciplina e com os feios e detestáveis vícios do jogo, do fumo, é um malandro, viciado, onde se viu! Os meninos de hoje fumam nas barbas dos pais, de pessoas idosas e dos seus mestres não dizem nada!
> Se fica doente e dá ponto, olhem! Não houve aula hoje, assim é que se ganha dinheiro do governo; não há como ser empregado público!
> Se cumpre o seu dever e o seu regulamento, dando aulas em dias considerados santificados pela igreja católica, ouve bem alto – é um protestante, um hereje, precisa ser queimado vivo.
> Se promove festas escolares em dias feriados, em datas memoráveis, é um político, um gastador, um especulador.
> Se anda bem trajado é porque ganha dinheiro fora do seu mister, prejudicando o ensino.
> Se anda modesto, é um relaxado, e é por isso que os seus alunos andam sujos e nem sabem o que é higiene!
> Se recusa matricular aluno, porque o número da matrícula esta elevado, é por que quer ter pouco serviço, lecionando para meia dúzia de meninos.
> Se aceita um grande número é obrigado a desdobrar sua escola, é um acumulador, um ambicioso.
> Se elogia um aluno é porque o seu pai é rico e tem outro interesse ....
> Iriamos longe se fossemos enumerar as tremendas acusações contra os preceptores da infância.
> Homens que se dedicam a outras carreiras, depois de alguns anos de trabalho podem dizer: no futuro meus filhos poderão herdar algo, para viver independente.
> Os professores primários com sacrifício, só poderão legar a seus filhos uma secundária instrução.
> Porém, aqueles que lutam heroicamente, transmitindo aos futuros cidadãos da Pátria Amada, lições e civismo e que compreendem com seu dever, não olhando e nem esperando recompensas monetárias, deixarão aos seus queridos filhos o exemplo nobre e santo do trabalho e de uma vida útil aos seus semelhantes. (...)
> De todas as profissões a menor considerada e a menos remunerada é inquestionavelmente a do magistério público primário. (...)
> Santa Eudoxia, maio de 1914. L. C. (O Alpha, 12/01/1914, p.1).

O texto aborda as tensões da profissão docente, suas incertezas e dificuldades na prática cotidiana. Logo no início, chama atenção a questão do desprestígio da profissão docente em relação aos outros profissionais, como médicos, engenheiros e advogados. Além disso, o desenvolvimento do aluno quando obtinha êxito era responsabilidade da família, na figura da mãe que o incentivou desde o começo, e, caso contrário, quando ele não tinha sucesso, esse fracasso era responsabilidade do professor, que não ministrava suas aulas a contento. Se os professores exigiam muito, eram extremamente

rigorosos e severos e não consideravam o aluno. Se se vestiam bem eram perdulários e ganhavam muito bem. Casos contrários, eram relaxados e não tinham atenção as questões higiênicas. Quando elogiavam um aluno, logo achavam que quisessem algo em troca. Tinham dificuldades de encontrar um espaço para dar suas aulas e morar, gastavam muito com essas tarefas e o pouco que ganhavam não poderiam sonhar com altos planos para os seus próprios filhos, restando a esses uma educação secundária. Todos esses quesitos reforçam o sacrifício da profissão docente e o descaso em relação às outras profissões. Os docentes rioclarenses como todos os outros, também, conheciam essas situações, as quais por muitas vezes forçaram mudanças para outros espaços de ensino. Alguns dos temas levantados continuam na pauta da formação do professor até os nossos dias e podem propor discussões quanto à profissionalização do magistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ideário republicano democrático considerava a educação popular imprescindível para a consolidação do novo regime. Estávamos diante de um regime político que se pensava como do povo, cuja existência dependia de uma sólida organização escolar, capaz de oferecer a formação política republicana para todos os cidadãos. A difusão da educação popular deveria ser, portanto, o primeiro dever do Estado. Garantida a liberdade do ensino, entendida como liberdade de abrir escolas, cabia ao Estado a responsabilidade de promover a educação do povo.

Para Carvalho (1998), regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, era o que se esperava da educação. Ela era pensada como a redenção nacional. A "educação nacional" foi um projeto de formação moral e cívica do homem brasileiro, preparando-o para compor a nação.

Há que lembrar que a Constituição Republicana de 1891 alterou os critérios de participação eleitoral, influenciando diretamente a demanda por escolarização. Antes, a participação eleitoral era baseada em critérios de renda, agora, passava a se basear também em critérios educacionais. A participação eleitoral ficava então restrita aos alfabetizados.

> A educação pelo voto e pela escola foi instituída por eles como a grande arma da transformação evolutiva da sociedade brasileira, e assim oferecida em caução do progresso prometido pelo regime republicano: a prática do voto pelos alfabetizados e, portanto, a frequência à escola que formaria o homem progressista, adequado aos tempos modernos, é que tornaria o súdito em cidadão ativo (HILSDORF, 2003, p. 60).

O Grupo Escolar destaca-se como modalidade capaz de reformar e modernizar o ensino, entretanto, as escolas isoladas e outras modalidades de ensino existiam concomitantemente, e eram as responsáveis por atender grande parte da população brasileira.

O trabalho docente nas escolas isoladas deixou evidente que era dificultado por diferentes complicadores. Assim, cumprido o tempo necessário de permanência na escola isolada, esses professores preferiam a remoção para os grupos escolares, ou para outras escolas isoladas, localizadas em áreas mais urbanas.

Conforme os documentos apresentados, faz-se possível observar que os desafios da profissão docente continuam até o tempo presente. A falta de recursos, o descaso

com a profissão, as questões salarias, entre outras questões, estão sempre na pauta dos problemas educacionais. Esse estudo também reforça a necessidade de se conhecer a história local, que pode nos dar dados diferente e particularidades dos dados gerais.

No mapeamento das estratégias de escolarização primária, diferentes perguntas podem ser feitas. Quem eram esses docentes? Qual a sua formação e trajetórias de trabalho? De que espaços escolares e não escolares faziam parte? Essas questões podem gerar novas investigações, cujos resultados poderiam oferecer subsídios para uma nova maneira de abordar a história da escolarização no Brasil.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. M. C. *Molde Nacional e forma cívica*: higiene, moral e trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

DEAN, W. *Rio Claro*: Um sistema brasileiro de grande lavoura. Tradução de WaldíviaMarchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HILSDORF, M. L. S. *História da Educação Brasileira*: Leituras. São Paulo: Thompson, 2003.

MOLINA, T. C. *Almanak de São João do Rio Claro para 1873*, Gazeta de Campinas: Campinas, 1981.

PENTEADO, O. *Rio Claro*: 1964. Rio Claro: Edição Conselho Municipal de Turismo e Cultura, 1964.

RIO CLARO. *Jornal O Alpha*: 1901-1920.

SANTOS, F. A. *Rio Claro*: uma cidade em transformação – 1850-1906. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2000.

SÃO PAULO. *Annuários de Ensino do Estado de São Paulo*: 1907-1908. Publicação organizada pela Diretoria da Instrução Pública, por ordem do governo do Estado, São Paulo: Augusto Siqueira & C., 1908.

SOUZA, R. F. *Templos de civilização*: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

Recebido em: 21/02/1019
Aprovado em: 19/04/2019